



Os Nossos Eternos Destinos

LAURA STEVEN

SECRET
SOCIETY



SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Luto e perda

Morte

Sangue

Trauma

Violência



Dedicado a Blair, luz da minha vida.

Prólogo

Há várias centenas de anos

A fita que lhes unia os pulsos era vermelha como uma ferida. Estávamos no final do *Sólmánuður*, num dia perfeito para um casamento. Poucas nuvens salpicavam o céu de um azul esmaecido. O mar banhava os seixos da praia, que o sol da tarde fazia refulgir como pepitas de ouro. Rochas arredondadas despontavam por entre a espuma rasa, salpicadas pelo sal e pelo eco do canto das sereias — para quem acreditava nessas coisas, que não era o caso da noiva.

Mas ela acreditava no amor, e no homem que tinha diante de si.

Os longos cabelos castanhos do noivo estavam adornados com fios de cobre. A barba — invulgarmente espessa para um homem que ainda não tinha completado 18 anos — estava entrançada com anéis de metal e contas de porcelana, perfumada com resina de pinheiro e salva do seu melhor óleo. Vestia túnica e calças escuras, e usava uma braçadeira de ouro e um cinto bem cingido na cintura. Do cinto de couro pendia uma gloriosa espada longa, com o punho cravejado de rubis. Uma relíquia de família.

Um sorriso assomou aos lábios retorcidos do noivo e os seus olhos brilharam de alegria. Conhecia a noiva desde o dia em que nascera e sonhava com aquele dia há mais de uma década. Ela era



o fio de ouro que percorria toda a sua vida, unindo o passado e o futuro num laço harmonioso.

A noiva, no entanto, estava tensa como uma mola. O longo vestido de linho, num creme pálido e incrustado de brilhantes prateados, desenhava-lhe a silhueta alta e esbelta.

Todos os contornos do seu corpo tenso estavam à espera.

Metade caçadora, metade presa.

O noivo mal reparou. Estava demasiado absorvido pelo momento, pelo grasnar das gaivotas e pelas palavras plenas de significado da anciã que presidia à cerimónia.

Durante as formalidades, as mãos dos noivos permaneciam presas. A fita vermelha tinha sido tecida a partir da túnica da falecida mãe do noivo, para que também ela pudesse participar na cerimónia. De facto, o noivo sentiu a presença da mãe, como uma mancha espectral à meia distância e uma solidez tranquilizadora à volta do seu pulso. O seu coração expandiu-se dolorosamente contra a caixa torácica.

Por insistência curiosa da noiva, trocaram armas em vez de alianças. Punhais, forjados pelo irmão dela, com as lâminas curvas de prata gravadas com o Valknut. Odin era o deus preferido do noivo; sentia-se inexplicavelmente atraído pelo entrelaçamento do passado, presente e futuro, pelo nó perpétuo da vida, morte e renascimento.

A sábia anciã acenou com a cabeça para que o noivo proferisse os seus votos.

— Pela luz do sol e pelo poder dos deuses — disse o noivo, com a emoção a embargar-lhe a garganta —, prometo amar-te e honrar-te para sempre.

Desembainhou a espada e tocou com o punho cravejado de joias no ombro da noiva.

A anciã acenou de novo com a cabeça, solene, quase fúnebre.

— Creio que a noiva escreveu os seus próprios votos.

Uma expressão estranha passou pelo rosto envelhecido da anciã. Desprezo?



A noiva estremeceu. O frio não a abandonara desde que suara a sua virgindade nas fontes termas no dia anterior, e a frieza da anciã era inquietante.

Levantou-se uma brisa que agitou o mar em picos agudos.

A voz da noiva era doce, cristalina, quando se dirigiu ao seu prometido.

— Tal como o balanço do mar e o movimento das marés, o amor é movediço e eterno. Não tenhamos medo do crescente e do minguinte, da subida e da descida, da eterna corrente subterrânea. De cada vez que as nossas almas se encontrarem, mergulhem os nossos corpos no frio azul brilhante, e deixemos que as ondas nos façam renascer. — Uma lágrima deslizou-lhe pela maçã do rosto.

— Amo-te, amei-te e amar-te-ei para sempre.

O noivo encostou a sua testa quente à dela.

— Amo-te, amei-te e amar-te-ei para sempre.

Aguardaram alguns instantes, certos de que em breve ouviriam a anciã a abençoar a sua união. Uma onda rebentou e retrocedeu, e uma nuvem de fumo ergueu-se da fogueira acabada de acender, onde seria assada a carne para o banquete.

O silêncio prolongou-se um pouco mais, e um murmúrio percorreu a multidão.

No rosto corado do noivo estava plasmada uma expressão de perplexidade, mas o corpo da noiva compreendeu algo terrível antes de a sua própria mente se aperceber, e um sinal de alarme soou no fundo do seu peito.

E logo a seguir vieram as palavras, nítidas e cortantes, como o cravar de uma pá na terra gelada.

— Pensavam mesmo que eu não vos encontraria?

Os noivos ergueram os olhos, horrorizados, e depararam-se com o fogo no olhar da anciã. O seu rosto sulcado começou a alisar-se; as unhas alongaram-se, engrossaram, escureceram.

O noivo tropeçou para trás. Ato contínuo, a noiva passou-lhe a lâmina conjugal pela garganta, abrindo-lhe uma fenda semelhante a uma boca, da qual o sangue jorrou sufocado e gorgolejante.



Ele tentou respirar, em vão.

O choque assomou-lhe por instantes ao rosto, antes de tombar na praia de seixos.

A noiva caiu um segundo depois, ofegante, embora a sua garganta permanecesse intacta. A lâmina ensanguentada caiu-lhe da mão; o Valknut ainda refulgia à luz do dia.

A última coisa que viram antes que o mundo se apagasse foi a fita vermelha do destino que ainda prendia os seus pulsos.

El Salvador

2004

A mesa de jantar estava posta para um banquete, mas todas as facas de trinchar tinham sido escondidas. Ninguém queria que um oligarca fosse esfaqueado por causa de *carne asada*.

Éramos 12 à volta do banquete, a Família Sola de um lado, os Quiñónez do outro. Os empregados movimentavam-se à nossa volta, dispondo pratos azuis cheios de *pupusas* e *yuca frita*. As chamas bruxuleavam nos candelabros de prata e os passos ecoavam sob o teto abobadado. No ar havia um cheiro a carne queimada e a coentros.

— Como está a produção da Pacamara? — perguntou o *papá*, tentando disfarçar a tensão na voz. Os nossos convidados tinham uma grande plantação de café em Chalatenango. — Um ano fraco para a colheita, não? Não se viu chuva de jeito.

O *señor* Quiñónez remexeu-se na cadeira de madeira.

— O Rafael tem experimentado novas técnicas de processamento e a qualidade é excecional. — Fixou no meu pai um olhar desafiador. — Vamos reunir-nos com um grande comprador europeu na próxima semana.

— Fico contente por ouvir isso — disse o *papá* com os lábios franzidos. Era óbvio que aquela notícia lhe tinha caído muito mal.



Era conhecido pela sua irascibilidade, pelos palavrões fáceis e pelo temperamento explosivo, mas eu sabia que havia ternura no seu coração. Um gosto pela música rock, um amor pela arquitetura, um sentido de humor acutilante. Uma verdadeira adoração pelos filhos, evidente não em elogios piegas ou histórias de embalar, mas na forma como se esforçava ao máximo para nos dar uma boa vida.

Eu já sentia a falta dele antes mesmo de partir; uma espécie de luto antecipado a que me tinha habituado nos últimos séculos. Numa tentativa fútil de autopreservação, a minha mente ensaiava a perda antes de a morte se efetivar, como se a prática atenuasse o golpe. Só que não.

Faltavam apenas alguns dias para completar 18 anos.

O que significava que, em breve, estaria morta.

E na próxima vida, o *papá* seria apenas um estranho.

Sem prestar muita atenção, passei os olhos pelos nossos convidados, depois pelos empregados que se movimentavam à volta da mesa, à procura daquela *fáísca*, daquela *estranheza*, daquela... *qualquer coisa*.

Mas a minha atenção não se fixou em nada — nem em ninguém — suspeito.

Analisar rostos era um tique paranoico que me era tão natural como respirar. A vigilância atenta nunca me tinha valido de nada e, no entanto, esse comportamento estava demasiado enraizado para ser extirpado.

— *Buen provecho* — anunciou a *mamá*, instando os convidados a desfrutarem da refeição. Era a imagem da anfitriã perfeita, com o seu vestido branco de mangas bufadas e batom vermelho vivo, mas havia tensão no seu olhar.

— Vai correr tudo bem, *mamá* — tinha-lhe sussurrado na cozinha antes da chegada dos convidados. — Todos vocês querem o melhor para os vossos filhos. É só isso que importa.

Ela apertou a minha mão e exalou um suspiro.

— Vês sempre o melhor nas pessoas. Nas situações. Não sei de onde vieste, *mi rayo de sol*, mas espero que nunca mudes.



A Família Sola e a Família Quiñónez eram velhas amigas que se tornaram inimigas figadais. Os nossos interesses tinham-se alinhado ao longo do século xx — as nossas plantações faziam fronteira umas com as outras — até que ambas as quintas foram arrasadas por um incendiário renegado no início da Guerra Civil. As famílias tinham-se culpado mutuamente, alegando que uma tentativa de sabotar a concorrência tinha corrido mal quando o incêndio se virou contra as suas próprias terras.

Agora, decorriam umas tréguas temporárias, porque a estouvada da minha irmã Silvia se tinha apaixonado pelo filho mais velho dos Quiñónez, e os nossos pais preferiam que qualquer possível derramamento de sangue ocorresse *antes* do casamento.

— Pois bem — disse o *señor* Quiñónez, dando a entender que a conversa fiada tinha acabado. Espetou o garfo num pedaço de carne de vaca com a ponta esturricada, parando a meio caminho da boca. O *papá* fez uma careta.

— Pois bem...

O *señor* Quiñónez afilou o olhar, e nenhum dos dois disse mais nada.

— Acho que podíamos saltar este confronto Montéquio-Capuleto, não? — sugeri eu, num tom ligeiro, enquanto enfiava *yuca frita* na boca. — Pelos miúdos?

‘Talvez estivesse a ser um pouco imprudente, mas verdade seja dita, eu era um ser imortal que ia morrer a qualquer momento.

Isto acontecia sempre que a data da minha morte se aproximava — a língua solta, segredos que se revelam, um desabafar de coisas que precisavam de ser ditas, mas nunca o eram.

A *mamá* lançou-me um olhar de traição, enquanto Rafael Quiñónez, o filho do meio da outra família, tentava conter uma gargalhada do lado oposto da mesa. O cabelo castanho-escuro caía-lhe em ondas à volta do rosto e os seus lábios contorciam-se num esgar divertido.

— *No seas tan dundo* — sibilou a minha avó, normalmente silenciosa. Teimava em pedir-me para não ser tão *estúpida*.



— Devíamos estar a celebrar. — Encolhi os ombros. — Afinal de contas, o amor está no ar. *O amor está no uuar.*

Cantei esta última parte com uma desafinação enfática, e o Rafael não conseguiu reprimir o riso.

O *papá* lançou-me com um olhar irado de aviso.

— Adella, tens de...

— Ir apanhar ar? — sorri docemente, pondo-me de pé enquanto a boca da minha irmã se abria. — Concordo.

Sem olhar para trás, atravessei as portas duplas de mogno que davam para o pátio no meio da casa. A última coisa que ouvi foi o meu pai a pedir desculpa pela sua filha zombeteira — ao que o *señor* Quiñónez retorquiu secamente que eu tinha herdado as qualidades canoras do *papá*.

Tinha-se quebrado o gelo.

Não tens de quê, Silvia.

Não temia as consequências; não seria a ira do meu pai a matar-me.

Só uma coisa — uma pessoa — poderia *fazê-lo*.

Senti o ar da noite quente e estagnado. As *Tubebuia rosea* estavam em plena floração, com as flores rosadas em forma de trombeta a esvoaçar sedutoramente como bailarinas em saias rodadas. Todas as persianas azul-cobalto estavam escancaradas.

Caminhei sobre os azulejos de terracota até à pequena piscina em forma de rim no canto mais afastado. Estava à sombra parcial de uma laranjeira, com algas verdes a acumularem-se nas margens turvas. Descalcei as alpargatas e levantei a saia esvoaçante — azul-cerúleo com rosas bordadas em vermelho e dourado — sentei-me na borda e mergulhei os pés na água fresca. Através de uma janela gradeada que dava para a casa, ouvi um criado deixar cair algo com uma «*j Puchica!*» murmurada entre dentes.

As portas duplas abriram-se e fecharam-se novamente, com uma erupção de vozes acaloradas vinda do interior e, por momentos, pensei que a minha mãe tinha vindo dar-me um sermão por falar demais.

Mas não era a *mamá*.



Era o Rafael.

Eu e o filho do meio dos Quiñónez tínhamos andado na mesma escola privada e frequentado os mesmos bares cheios de fumo. No entanto, movíamos-nos em círculos diferentes. Havia uma espécie de aversão entre nós, embora muitas vezes não tivesse a profundidade que os nossos pais gostariam que tivesse. A verdade é que eu não lhe dava muita importância.



No entanto, quando o vi aproximar-se, a minha respiração ficou suspensa.

Será que é ele...?

Não. Nunca sentira a mais pequena ponta de desconfiança na sua presença.

— *¿Qué onda?* — perguntou ele, aproximando-se com passos ligeiros. Eu não disse nada, limitei-me a estreitar os olhos. — *Ti-veste piada há pouco.* — Havia um sorriso escarninho na sua voz, quase um flirt. — *Como se não tivesses medo das consequências.*

Encolhi os ombros, tentando refrear o galope irregular do meu coração.

— *É tudo tão...*

Antes de conseguir terminar a frase, senti uma faca na garganta.

Uma descarga aguda de adrenalina; um buraco vazio no estômago. Senti a lâmina quente de ter estado enfiada no seu bolso.

Soltei um suspiro de sofrimento, deixando os meus olhos fecharem-se.

— *Que porra, Arden.*

O meu tom de voz denotava um tédio sardónico, mas o meu coração batia descompassado. Por mais vezes que fosse assassinada, a dor não se banalizava.

Além disso, verdade seja dita, nunca tinha sequer desconfiado do Rafael.

Arden estava a ficar cada vez melhor.

Como é que não tinha percebido? Como é que não tinha sentido aquela ligação das nossas almas, aquele magnetismo íntimo?



Como podia ter esperança de conseguir proteger-me, de sobreviver, se não conseguia detetar a ameaça?

— É uma pena, Evelyn — murmurou ele, e o seu hálito roçou a minha orelha como um lenço de seda. Estava ajoelhado nas minhas costas, como se estivesse a pedir-me em casamento. — A Adella Sola era mesmo a tua cara.

Engoli em seco, com a faca a beliscar-me a pele.

— Costumas fazer com que me apaixone por ti primeiro.

— Pensei em mudar um pouco as coisas.

— Tretas.

Projetei a cabeça para trás, contra a cara dele, com todas as minhas forças, esmagando-lhe o nariz num jato de sangue. Ele grunhiu e caiu para trás, e a faca afastou-se da minha garganta.

— A Sibéria afetou-te tanto como a mim. — Tirei as pernas de dentro da piscina e rebolei para longe dele, estremecendo quando os meus joelhos roçaram nos azulejos ásperos. — Foi por isso que mantiveste a distância desta vez?

— Acredita no que quiseres.

Ele avançou, com o braço estendido e a faca apontada ao meu peito.

Esquivei-me no último segundo. Aproveitando o seu próprio impulso contra ele, agarrei num punhado de cabelo da nuca e bati-lhe com a cabeça no chão. O impacto reverberou pelo meu braço, tal como o impacto de saltar de um ramo de árvore demasiado alto faz tremer os nossos joelhos.

A faca deslizou pelos azulejos quando ele perdeu as forças, não inconsciente, mas claramente aturdido.

Com o sangue a rugir nos meus ouvidos, agarrei no cabo de madeira da faca e virei-o de costas no chão. Ele gemeu de dor quando o montei, com os joelhos plantados de cada lado da sua cintura, e percebi que uma parte de mim me traiu quando senti o seu corpo debaixo do meu.

Concentra-te.

Desta vez, queria olhá-lo nos olhos enquanto o matava.



Ao contrário do que tinha acontecido em Nauru.

Pressionei a ponta da faca por baixo do seu queixo.

— E continuas sem me dizer porque me persegues em todas as vidas.

— É insultuoso que não te lembres.

As suas ancas deram um forte sacão para o lado, enquanto tentava afastar-me de cima dele, e a força foi tal que resultou.

A lâmina cortou-lhe a garganta no momento em que ambos caímos na piscina.

Com o corpo em convulsões, ele asfixiou-se na água e no próprio sangue. A água estava quente e espessa, e a lâmina escorregou da minha mão já enfraquecida. A minha boca e nariz encheram-se de cloro enquanto respirava, com as mãos a afastarem-se dele, ou talvez a dirigirem-se para ele, numa confusão de azulejos turquesa e de laivos de escarlate metálico que se diluíam na água.

Logo a seguir, como se os fios das nossas vidas estivessem fatalmente entrelaçados, a minha própria pulsação diminuiu.

Era o sol que se punha no horizonte; o som da orquestra que se desvanecia lentamente.

O sangue antigo que se esvaía num gotejar temporário.

Esta breve vida passou-me diante dos olhos. A cantoria pavorosa do meu pai, o sobrolho franzido da minha irmã enquanto pintava as suas aguarelas, as agulhas de malha da minha avó a fazer barulho, as tardes escaldantes com a minha mãe na cidade poeirenta, os cheiros a barro, café e calor, tudo isto condenado à partida.

Fui invadida pela dor, espessa e aguda; a perda nunca se tornava mais fácil, o soltar de amarras da história nunca menos desconcertante.

Momentos depois do último suspiro gargarejado do Rafael, a escuridão que se arrastava nos limites da minha visão finalmente engoliu-me por completo. Enquanto flutuavam numa mancha carmesim, os nossos corações pararam de bater como um só.

Sempre a mesma *merda*.



A FITA QUE LHES UNIA OS PULSOS ERA VERMELHA COMO UMA FERIDA.

Evelyn viveu inúmeras vidas. Mas em cada uma delas, foi morta antes do seu 18.º aniversário.

Agora, nesta vida, a sua irmã mais nova precisa de um transplante de medula, e Evelyn precisa de se manter viva para conseguir ser a dadora.

Para salvar a irmã e sobreviver depois dos 18 anos, ela terá de:

1. Encontrar o inimigo secular que a persegue em todas as vidas;
2. Descobrir porque está a ser perseguida para quebrar a maldição de uma vez por todas;
3. Não se apaixonar... outra vez.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

[seekthebutterfly.pt](https://www.seekthebutterfly.pt)
[secretsofthebutterfly](https://www.instagram.com/secretsofthebutterfly)
[#seekthebutterfly](https://www.facebook.com/secretsofthebutterfly)

ISBN: 978-989-583-319-1



9 789895 833191

